

RICHARD OSMAN

O Clube do
CRIME
das **QUINTAS-FEIRAS**

Tradução
Rui Azeredo

 Planeta

Para a minha mãe, «a última Brenda a sobreviver»,
com amor

Matar alguém é fácil. Já esconder o corpo, por norma, é a parte complicada. É assim que se é apanhado.

No entanto, tive a sorte de descobrir o lugar certo. Aliás, o lugar perfeito.

Regresso de tempos a tempos, só para me assegurar que permanece tudo são e salvo. Sempre assim é e calculo que sempre assim será.

Por vezes, acendo um cigarro, algo que sei que não deveria fazer, mas trata-se do meu único vício.

PARTE UM

**CONHECER OUTRAS PESSOAS
E
EXPERIMENTAR COISAS DIFERENTES**

Joyce

Bem, começo pela Elizabeth, pode ser? E logo vemos onde isso nos leva?

Eu sabia quem ela era, claro; toda a gente aqui conhece a Elizabeth. É dona de um daqueles apartamentos com três quartos em Larkin Court. O da esquina, com a varanda térrea? Além disso, certa vez fiz parte de uma equipa de *quiz* com o Stephen que, por uma série de razões, é o terceiro marido da Elizabeth.

Foi ao almoço, há dois ou três meses, e devia ser segunda-feira, porque havia tarte *shepherd*¹. A Elizabeth disse que apesar de saber que eu estava a comer queria fazer-me uma pergunta sobre ferimentos de faca, se não fosse inconveniente?

Eu disse, «de modo nenhum, faz o favor de perguntar», ou algo do género. Nem sempre me recordo de tudo com precisão, posso desde já dizer-vos isso. Então, ela abriu uma pasta de arquivo e vi umas folhas datilografadas e o contorno do que pareciam ser fotografias antigas. A seguir, foi direta ao assunto.

A Elizabeth pediu-me que imaginasse que uma rapariga tinha sido esfaqueada. Perguntei com que tipo de faca fora espetada e a Elizabeth respondeu que seria provavelmente uma faca normal de cozinha. Da marca *John Lewis*. Ela não o disse, mas foi assim que imaginei. A seguir,

¹ Tarte de carne picada com puré, assada no forno. (N. do T.)

pediu-me que imaginasse que a rapariga tinha sido esfaqueada três ou quatro vezes, logo abaixo do esterno. Para dentro e para fora, para dentro e para fora, horrível, mas sem cortar qualquer artéria. Falou discretamente sobre tudo aquilo, porque as pessoas estavam a comer e ela tem os seus limites.

Então, ali estava eu, a imaginar ferimentos provocados por uma faca, e a Elizabeth perguntou-me quanto tempo levaria a rapariga a sangrar até morrer.

Já agora, entendo que é melhor referir que fui enfermeira ao longo de muitos anos, de contrário nada disto vos faria sentido. A Elizabeth já o teria sabido de antemão, porque a Elizabeth sabe sempre tudo. Seja como for, era essa a razão para ela me perguntar. Já deveriam estar a indagar que sentido faria isto. Prometo que num instante apanharei o jeito a escrever.

Recordo-me de dar um toquezinho nos lábios antes de responder, como se vê às vezes na televisão. Faz-nos parecer mais espertos, experimentem. Perguntei quanto pesava a rapariga.

A Elizabeth descobriu a informação na sua pasta, acompanhou o dedo com os olhos e leu em voz alta que a rapariga pesava quarenta e seis quilos. O que nos desconcertou a ambas, pois nenhuma de nós sabia ao certo quanto seria quarenta e seis quilos na nossa métrica. Na minha mente, imaginei que deveriam ser cerca de vinte e três *stone*¹? Dois para um foi o meu raciocínio. Mas, enquanto pensava isso, desconfiei que me estava a confundir com polegadas e centímetros.

A Elizabeth informou-me que a rapariga indubitavelmente não pesava vinte e três *stone*, pois tinha a foto do cadáver na pasta. Empurrou a pasta na minha direção antes de voltar a incidir a sua atenção na sala e dizer:

– Alguém pode perguntar ao Bernard quanto são quarenta e seis quilos?

¹ *Stone*, no original, antiga medida de peso britânica, sendo uma unidade equivalente a 6,35 quilos. Informalmente, ainda é utilizada para avaliar o peso de pessoas. (*N. do T.*)

O Bernard senta-se sempre sozinho numa das mesas mais pequenas junto ao pátio. É a Mesa 8. Não é essencial para a história, mas vou falar-vos um pouco do Bernard.

O Bernard Cottle foi muito amável comigo quando cheguei a Coopers Chase. Trouxe-me um pé de clematite¹ e explicou-me o calendário de reciclagem. Aqui há quatro caixotes de cores diferentes. Quatro! Graças ao Bernard, sei que o verde é para vidro e o azul para cartão e papel. Já quanto ao vermelho e ao preto, sei tanto quanto vocês. Vi de tudo um pouco enquanto andei a deambular. Uma vez vi que alguém depositou uma máquina de faxes num deles.

O Bernard fora professor, qualquer coisa de ciências, e trabalhou por todo o mundo, incluindo no Dubai antes sequer de se ouvir falar de lá. Como seria de esperar, vestia fato e gravata ao almoço, mas, ainda assim, lia o *Daily Express*. A Mary, de Ruskin Court, que estava na mesa ao lado, chamou-lhe a atenção e perguntou-lhe quanto eram quarenta e seis quilos.

O Bernard anuiu e respondeu a Elizabeth:

– Um pouco mais de sete *stone* e qualquer coisa.

E é assim o Bernard.

A Elizabeth agradeceu-lhe e disse-lhe que já lhe parecia razoável, e o Bernard retomou as suas palavras cruzadas. Mais tarde fui verificar a conversão de centímetros em polegadas, e pelo menos nisso eu tinha razão.

A Elizabeth regressou à sua pergunta. Quanto tempo de vida restaria à rapariga esfaqueada com a faca de cozinha? Estimei que, sem assistência, morreria provavelmente em cerca de quarenta e cinco minutos.

– Bem, concordo, Joyce – disse ela, e a seguir outra questão. E se a rapariga tivesse tido assistência médica? Não da parte de um médico, mas de alguém capaz de fazer um curativo num ferimento. Talvez alguém que tivesse passado pelo exército. Alguém desse tipo.

Já vi muitos ferimentos de faca ao longo da minha vida. O meu trabalho não era só entorses. Então, eu disse, bem, assim ela não

¹ Espécie de planta. (*N. do E.*)

chegaria a morrer. O que era verdade. Não teria sido pera doce para ela, mas teria sido simples fazer o curativo.

A Elizabeth anuiu e disse que fora precisamente isso que dissera ao Ibrahim, embora eu na altura não conhecesse o Ibrahim. Como eu disse, isto foi há uns meses.

Aquilo não batia certo para a Elizabeth e a sua perspetiva era de que o namorado a matara. Sei que ainda é muitas vezes o que sucede. Lê-se sobre isso.

Acho que antes de me ter mudado para cá poderia ter achado todas estas conversas invulgares, mas é um cenário muito normal depois de se conhecer toda a gente aqui. Na semana passada, conheci o homem que inventou o gelado *Mint Choc Chip*, ou pelo menos ele assim o diz. Não tenho como confirmar.

Senti-me satisfeita por ter ajudado a Elizabeth com o meu pequeno contributo, pelo que decidi pedir um favor. Perguntei se haveria alguma forma de dar uma espreitadela à foto do cadáver. Por mera curiosidade profissional.

A Elizabeth ficou radiante, do mesmo modo como as pessoas por aqui ficam radiantes quando se pede para ver fotografias dos netos na cerimónia de final de curso. Retirou uma fotocópia A4 da pasta, pousou-a à minha frente voltada para baixo e disse-me para a guardar, já que todos eles tinham cópias.

Disse-lhe que era muito amável da parte dela e ela disse que não precisava de agradecer, mas pediu se me poderia fazer uma derradeira pergunta.

– Claro – respondi.

Então, ela disse:

– Costumas estar livre à quinta-feira?

E, acreditem ou não, aquela foi a primeira ocasião em que ouvi falar das Quintas-Feiras.

A agente de polícia Donna De Freitas gostaria de ter uma arma. Gostaria de perseguir assassinos em série em armazéns abandonados, desempenhando incansavelmente o seu trabalho, mesmo tendo em conta um ferimento recente de bala no ombro. Talvez desenvolver um gosto por *whisky* e ter um caso com o seu parceiro.

Mas, por ora, aos vinte e seis anos, e sentada para almoçar às 11 h 45 m com quatro reformados que acabara de conhecer, Donna sabe que ainda vai ter de trabalhar muito para alcançar tudo isso. E, além do mais, tinha de admitir que a última hora, mais minuto, menos minuto, fora bastante divertida.

Donna dera muitas vezes a palestra «Dicas Práticas para Segurança no Lar» e hoje havia a habitual plateia de idosos, com mantas sobre os joelhos, biscoitos à borla e uns quantos a dormir lá atrás. Ela deixava sempre o mesmo conselho. A importância absoluta e suprema de instalar fechos nas janelas, verificar cartões de identidade e nunca revelar dados pessoais por telefone a desconhecidos. Acima de tudo, era suposto ela ser uma presença reconfortante num mundo aterrorizador. Donna tem essa noção, e desta forma também acaba por sair da esquadra e deixar as burocracias, pelo que se voluntaria. A Esquadra da Polícia de Fairhaven é mais monótona do que aquilo a que Donna está habituada.

Todavia, hoje deu por si na Residência para Reformados de Coopers Chase. Parecia-lhe bastante inócuo. Exuberante, sossegado, tranquilo,

e no carro ao seguir para lá avistou um belo *pub* onde almoçar no regresso a casa. Por isso, apanhar assassinos em série com golpes mata-leão em lanchas rápidas teria de esperar.

– Segurança – começara Donna, embora no momento estivesse a pensar se deveria fazer uma tatuagem. Um golfinho ao fundo das costas? Ou isso já seria demasiado banal? E seria doloroso? Provavelmente, mas era suposto ela ser uma agente da polícia, certo? – A que nos referimos quando falamos em «segurança»? Bem, acho que essa palavra tem diferentes significados para diferentes...

Ergueu-se uma mão na fila da frente. Por norma, não era assim que isto decorria, mas perdido por cem, perdido por mil. Uma mulher na casa dos oitenta e imaculadamente vestida queria marcar a sua posição.

– Querida, acho que estamos todos a torcer para que isto não vá ser uma conversa sobre fechos de janelas. – A mulher olhou em volta, recolhendo um apoio murmurado.

A seguir falou um cavalheiro na segunda fila, enquadrado por um andarilho.

– E nada de cartões de identidade, por favor, já sabemos tudo sobre cartões de identidade. É mesmo da Gas Board ou um ladrão? Já percebemos, juro.

Tinha começado uma sessão aberta a todos.

– Já não é a Gas Board. É a Centrica – disse um homem num belo fato de três peças.

O homem sentado ao lado dele, envergando calções, chinelos de dedo e uma camisola do West Ham United, aproveitou a oportunidade para se levantar e apontar um dedo sem uma direção em particular.

– Isso é graças à Thatcher, Ibrahim. Dantes era nossa.

– Oh, vê se te sentas, Ron – dissera a mulher bem arranjada. A seguir, olhou para Donna e acrescentou, abanando ligeiramente a cabeça:

– Desculpe lá o Ron. – Os comentários continuavam sem parar.

– E que criminoso é que não conseguiria falsificar um documento de identificação?

– Tenho cataratas. Se me mostrarem um cartão de sócio da biblioteca, eu deixo-os entrar.

- Agora já nem verificam o contador. Está tudo na Internet.
- É na nuvem, querido.
- Eu daria as boas-vindas a um ladrão. Não me importava nada de ter visitas.

Seguiu-se uma breve pausa, e logo depois uma sinfonia sem tom de assobios enquanto alguns aparelhos auditivos eram ligados, e outros desligados. A mulher na fila da frente voltara a assumir o comando.

- Então... e, já agora, chamo-me Elizabeth... nada de fechos nas janelas, por favor, nem cartões de identidade, e não precisa de nos dizer para não entregarmos o nosso PIN por telefone a nigerianos. Se é que ainda posso dizer nigerianos.

Donna De Freitas recompusera-se, mas estava consciente de que já não pensava em almoços no *pub*, nem em tatuagens – agora pensava no curso de formação antimotim que tivera nos bons velhos tempos no Sul de Londres.

- Bem, então falamos sobre o quê? – perguntara Donna. – Tenho de perfazer pelo menos quarenta e cinco minutos, ou não tenho dispensa pelas horas extra.

– Sexismo institucional nas forças policiais? – disse Elizabeth.

- Eu gostaria de falar sobre terem disparado ilegalmente contra o Mark Duggan, ato sancionado pelo estado e...

– Senta-te, Ron!

E assim prosseguiu, de forma divertida e agradável, até chegar a hora de terminar, altura em que Donna recebeu calorosos agradecimentos e viu inúmeras fotografias de netos, sendo depois convidada a ficar para almoçar.

E agora aqui está, a depenicar a sua salada, do que na ementa vem descrito como «restaurante contemporâneo sofisticado». Um quarto para o meio-dia é um pouco cedo para ela almoçar, mas não teria sido de bom tom recusar o convite. Repara que os seus quatro anfitriões não só devoraram todo o almoço, como também abriram uma garrafa de vinho tinto.

- Foi mesmo maravilhoso, Donna – comenta Elizabeth. – Apreciamos imenso. – Elizabeth olha para Donna como uma professora que nos aterroriza durante todo o ano, mas que depois nos dá um vinte e chora quando vamos embora. Talvez seja por causa do casaco de *tweed*.

– Foi extraordinário, Donna – comenta Ron. – Posso chamar-lhe Donna, amor?

– Pode chamar-me Donna, mas se calhar é melhor não me tratar por amor – diz Donna.

– Tem razão, querida – concorda Ron. – Anotado. E aquela história sobre o ucraniano com a multa de estacionamento e a motosserra? Devia fazer disto vida, ganha-se bem. Conheço uma pessoa, se quiser ter ideia de quanto?

A salada é deliciosa, pensa Donna, e não é frequente que isso lhe passe pela cabeça.

– Eu acho que teria dado um belo traficante de heroína. – Era Ibrahim, que antes levantara a questão da Centrica. – É tudo uma questão de logística, não é? E também a pesagem, que eu adoraria, muito precisa. E têm máquinas para contar dinheiro. Todas as comodidades modernas. Alguma vez capturou um traficante de heroína, agente De Freitas?

– Não – admite Donna. – Mas está na minha lista.

– Mas não me engano quando digo que eles têm máquinas de contar dinheiro? – questiona Ibrahim.

– Sim, têm – responde Donna.

– Que maravilha – diz Ibrahim, sorvendo o seu copo de vinho até ao fim.

– Nós aborrecemo-nos com facilidade – acrescenta Elizabeth, deitando também abaixo um copo. – Deus nos salve dos fechos das janelas, agente feminina De Freitas.

– Agora é só «agente» – frisa Donna.

– Percebo – diz Elizabeth, franzindo os lábios. – E o que acontece se eu preferir dizer «agente feminina»? Será emitido um mandado de captura para eu ser detida?

– Não, mas vou tê-la menos em conta – diz Donna. – Porque é algo muito simples de fazer e mais respeitoso em relação a mim.

– Raios! Xequemate. OK – diz Elizabeth, desfranzindo os lábios.

– Obrigada – diz Donna.

– Adivinhe que idade tenho? – desafia-a Ibrahim.

Donna hesita. Ibrahim tem um belo fato e uma pele magnífica. Cheira maravilhosamente bem. Tem um lenço habilmente dobrado no bolso do peito. O cabelo a rarear, mas ainda presente. Sem barriga e apenas um queixo. E, todavia, por baixo de tudo aquilo? Hmm. Donna olha para as mãos de Ibrahim. São sempre as denunciadoras.

– Oitenta? – arrisca ela.

Ela vê o olhar de Ibrahim esmorecer.

– Sim, em cheio, mas pareço mais novo. Tenho ar de quem tem setenta e quatro. Todos concordam. O segredo é o Pilates.

– E qual é a sua história, Joyce? – pergunta Donna ao quarto elemento do grupo, uma mulher pequena de cabelo branco com uma blusa violeta e casaco de malha cor de malva. Está sentada, com ar feliz, atenta a tudo. De boca cerrada, mas olhos a brilhar. Como uma ave silenciosa, sempre à espreita de algo reluzente ao sol.

– Eu? – diz Joyce. – Não há qualquer história. Fui enfermeira e depois mãe, e a seguir outra vez enfermeira. Nada que mereça destaque, temo eu.

Elizabeth dá uma fungadela.

– Não se deixe enganar pela Joyce, agente De Freitas. Ela é do tipo «menos conversa e mais ação».

– Sou organizada, só isso – diz Joyce. – Já não se usa. Se digo que vou para a aula de zumba, vou para a aula de zumba. Eu sou assim. A minha filha é a interessante da família. Gere um fundo de cobertura, se é que sabem o que isso é?

– Nem por isso – reconhece Donna.

– Não – concorda Joyce.

– A zumba é antes do Pilates – diz Ibrahim. – Não gosto de fazer os dois. É contraintuitivo para a maioria dos músculos.

Uma questão inquietou Donna ao longo de todo o almoço.

– Então, se não se importam que pergunte, sei que vivem todos em Coopers Chase, mas como é que os quatro se tornaram amigos?

– Amigos? – Elizabeth parece divertida. – Oh, nós não somos amigos, querida.

Ron ri-se.

– Credo, amor, não, não somos amigos. Mais vinho, Liz?

Elizabeth assente com a cabeça e Ron serve-a. Já vão na segunda garrafa. É meio-dia e um quarto.

Ibrahim concorda.

– Acho que amigos não é a palavra correta. Não escolheríamos socializar, temos interesses diferentes. Eu até acho que gosto do Ron, mas ele pode revelar-se muito difícil de aturar.

Ron assente com a cabeça.

– Sou muito difícil.

– E os modos da Elizabeth são desagradáveis.

Elizabeth assente.

– É verdade, receio que sim. É raro alguém gostar de mim assim às primeiras. Desde a escola.

– Eu gosto da Joyce, acho. Penso que todos gostamos da Joyce – frisa Ibrahim.

Ron e Elizabeth assentem uma vez mais em concordância.

– Obrigada, sei que sim – diz Joyce, perseguindo as ervilhas no seu prato. – Não acham que alguém deveria inventar ervilhas planas?

Donna tenta ordenar as ideias.

– Então, se não são amigos, são o quê?

Donna vê Joyce a erguer o olhar e a fazer sinal aos outros, aquele bando inusitado.

– Bem – diz Joyce. – Antes de mais, *somos* amigos, claro; este pessoal é só um pouco lento a perceber. E, depois, se não o mencionámos no seu convite, agente De Freitas, então foi falha minha. Somos o Clube do Crime das Quintas-Feiras.

Elizabeth começa a ficar com os olhos turvos devido ao vinho tinto, Ron coça uma tatuagem «West Ham» no pescoço e Ibrahim está a polir um já de si polido botão de punho.

O restaurante vai enchendo à volta deles, e Donna não é a primeira visitante de Coopers Chase a pensar que este não seria o pior lugar do mundo para viver. Mataria por um copo de vinho e uma tarde de folga.

– E, além disso, nado todos os dias – conclui Ibrahim. – Mantém a pele firme.

Mas que lugar é este?